

Editorial

Certa vez, ao comentar o modo como se relacionava com a História da Filosofia, Gilles Deleuze disse o seguinte: “Eu me imaginava chegando pelas costas de um autor e lhe fazendo um filho, que seria seu, e no entanto seria monstruoso. Que fosse seu era muito importante, porque o autor precisava efetivamente ter dito tudo aquilo que eu lhe fazia dizer. Mas que o filho fosse monstruoso também representava uma necessidade, porque era preciso passar por toda espécie de descentramentos, deslizos, quebras, emissões secretas que me deram muito prazer.”¹

O Dossiê “Deleuze - Modos de Usar: sobre destruições e invenções de mundos”, toma esta proposição para investir na criação de filhos feitos pelas costas de Deleuze. Para isso, o Dossiê convidou pesquisadores que são isso e aquilo: professores artistas, artistas filósofos, pesquisadores fotógrafos, pesquisadores batuqueiros, professores poetas, cineastas professores, entre tantos, para que compartilhassem seus modos de “enrubar” este pensador da diferença. Nestes filhos monstruosos, o apreço que temos por Gilles Deleuze é acompanhado por questões que seriam - ao menos essa é nossa intuição - bem acolhidas pelo autor.

A primeira delas, provocada pelas emergências que o tempo presente nos apresenta, é entender o ato de escrever como uma possibilidade de inventar modos de enfrentamento daquilo que tem sido uma das tônicas do mundo atual, ou seja, a intolerância e a violência contra a diversidade e a diferença. Trata-se de tomar a criação como munição para o enfrentamento da violência e da imposição dos modos majoritários, aceitando o convite do Filósofo como principal elemento deste trabalho: inventar mundos para que possamos mudar o mundo em que vivemos. A segunda vem da necessidade que sentimos de ampliar os espaços de pesquisa no meio acadêmico, tantas vezes burocratizado e repleto de tristezas. Nosso desejo de inventar mundos passa pela necessidade de intervir no mundo em que vivemos, e por isso somos levados a criar para entender ao invés de entender para criar.

Nesse sentido, os modos de usar Deleuze aqui compartilhados oferecem ao leitor um conjunto de invenções e/ou de experimentações realizadas com a filosofia da diferença. Estes filhos, ao modo de Deleuze, mais do que apresentar conceitos elaborados pelo autor, os tomam de

assalto para contaminá-los com o corpo latinoamericano dos convidados.

Cada convidado oferece, portanto, um modo de usar Deleuze. Cada modo de usar é uma contaminação entre vários corpos - corpo/língua; corpo/território; corpo/tempo; corpo/afecto e percepto; corpo/conceito; etc - cada contaminação traz uma problemática. A Cartografia, por exemplo, popularizada em nosso país como um método, aparece aqui como uma Ética e uma Política, um lugar de partida e não mais de chegada, um modo de alçar voo. A relação de Deleuze com a Arte, mediada pela obra de Anne Sauvagnargues, nos coloca diante do problema da criação e seus agenciamentos com a subjetivação e a individuação. Afinal, o que seria um ato de criação? Como ele se processa? Como acontece? Em que medida ele depende de um sujeito criador? Em que medida o ato de criação subjetiva o sujeito que o executa? E o mais importante: haveria mesmo um ato de criação agenciado pela subjetividade ou todos os processos relacionados à subjetivação, bem como à criação seriam disparados por uma espécie de passividade constituinte? A pintura emerge como conceito e campo de consistência para uma imagem do pensamento, em meio a vinte anos de experimentações pictóricas do artista professor. Haveria pensamento sem um lugar para sua enunciação, para o seu engendramento, para a soma de circunstâncias e afetos que perfazem suas imagens? Já a fotografia se aproveita da reversão do platonismo para habitar a noite e afirmar uma poética do simulacro. O “mundo-verdade”, nós o abolimos: que mundo nos ficou? O mundo das aparências talvez?... Mas não! *Com o mundo-verdade abolimos também o mundo das aparências!* O cinema se quer nacional, bem brasileiro mesmo e dirigido por mulheres. Afinal, como esse cinema brasileiro feito por mulheres vaza o modelo narrativo clássico do cinema hegemônico? Como suas histórias e temáticas estão ligadas, de certo modo, a alguma *necessidade* que as faz criar? Mas e a imagem: Como enunciar a conflagração que dá lugar a uma imagem? Entre Clarice Lispector e Gilles Deleuze parece haver um diagrama que nos ajuda a percorrer a obra visual da conhecida escritora. Não se pode definir a pintura de Clarice desde os conceitos de figuração ou abstração. Pois o sentido visado por esse registro de semelhanças é, antes, aquele da sensação: como apresentar a sensação? Como tornar presente a

[1] DELEUZE, Gilles. Conversações. Rio de Janeiro: Ed. 34: 1992, p. 14.

sensação através das formas, cores, linhas? Extrair do clichê uma imagem é proceder justamente no plano da experiência oferecida pela sensação, plano em que real e irreal se confundem, em que real e imaginário se interpenetram. Em meio a tais complexidades uma introdução ao dito pensamento pós-estruturalista pode ajudar bastante, visto que muitas vezes uma das tarefas mais complicadas para quem inicia uma aventura nessa longa jornada é a de encontrar textos introdutórios que auxiliem os primeiros passos. Ao mesmo tempo, a música se pergunta pelos processos de criação no curso de bacharelado em música popular da Universidade Federal de Pelotas, RS. Criar transforma o desconhecido em conhecido. Dá visibilidade. O que o bacharelado em música popular inventa? Talvez formas de torcer a tradição, apropriar-se das molaridades do repertório e tentar produzir variações. Tornar seu. Não ao estilo autoral, mas por campos intensivos, por experimentações. Criar é dar visibilidade. Contudo, diante da pandemia do coronavírus, o que pode a ficção? Talvez nos desgarrar do razoável. Narrar uma vez mais. Trata-se de um método. A metodologia da ficção se vê, assim, como parte do mundo e aliançada aos eventos-objetos com os quais se articula em uma trama de variações: aliançada sim, mas jamais filiadas no sentido de um saber representacional em uma etiologia determinista causal. Ao lado da ficção, o maquinatório. Porque quem pesquisa com referenciais da diferença, principalmente na relação com Deleuze, Guattari, Nietzsche e outros malditos; torna-se necessário, para não dizer inevitável tensionar o território metodológico da academia, afinal é a metodologia que se impõe como a síntese de verdade da pesquisa, das pesquisas, de todas as pesquisas – a generalização do que é e do que não é pesquisa. Pesquisas quase sempre esbranquiçadas, deleuzes quase sempre carregados com problemas europeus, tidos como universais. É importante dizer: este dossiê está agenciado com uma diferença preta, latinoamericana, brasileira. Estamos em busca de um devir negro em Deleuze, ou mesmo de um Deleuze Preto. Um Deleuze batuqueiro, que toma a pele do tambor em contato com a pele da mão de quem toca como um plano de criação. Lugar que se presta a produzir outras dúvidas que não aquelas que insistem em ocupar os espaços acadêmicos. Deleuze batuqueiro, que faz Filosofia com o corpo, com o

som que inventa conceitos rítmicos, e cria sonoridades que são conceitos dedicados a tratar do viver. Um Deleuze batuqueiro que pensa dançando, que dança pensando e que escolhe o coletivo como principal possibilidade de criação para e com o mundo.

Assim, o dossiê reúne onze ensaios inicialmente apresentados como palestras e oficinas. Tais apresentações ocorreram em seminário organizado pelo Laboratório de Arte e Psicologia Social - LAPSO - do curso de psicologia da Universidade Federal de Pelotas. O evento aconteceu entre junho e setembro de 2020 e continua disponível na página do projeto². Ao lado destes trabalhos contamos com uma resenha do livro, recentemente publicado, 'Por que esperamos: notas sobre docência, obsolescência e o vírus'. E com muita alegria apresentamos ao público brasileiro uma tradução de 'Cartographies de l'art: de la littérature à l'image' primeiro capítulo da obra Deleuze et l'art de Anne Sauvagnargues³. Para fechar com chave de ouro, esta artista filósofa nos presenteia com um belíssimo ensaio visual: 'Carnet Japon avril 2015'.

Boa leitura!

Édio Raniere e Eduardo Pacheco

Organizadores do dossiê

Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

Pelotas, julho de 2020

[2] <https://www.facebook.com/Deleuze-Modos-de-Usar-101019808325084>.

[3] O seminário 'Deleuze: modos de usar. Sobre destruições e invenções de mundos', bem como a tradução de 'Cartographies de l'art: de la littérature à l'image', são desdobramentos do estágio pós-doutoral que professor Édio Raniere realizou, entre 2018 e 2019, na Université Paris Nanterre, sob supervisão de Anne Sauvagnargues.